

RACISMO: CONSIDERAÇÕES SOBRE UM EXPERIMENTO MENTAL¹

RACISM: COMMENTS ON A MENTAL EXPERIMENT

Maryeli Corrêa Cheiram²
Patrícia Santos Albarello³
Janaína Pereira Pretto Carlesso⁴
Najara Ferrari Pinheiro⁵

RESUMO

O presente artigo trata-se de um experimento mental. O objetivo do estudo é propor a utilização deste experimento como tema gerador a ser trabalhado com crianças da 3ª série da educação básica. A metodologia da pesquisa utilizada é de cunho analítico-descritiva, a qual abre espaço a uma análise reflexiva e construtiva a respeito do racismo. Espera-se obter como resultados, que as crianças possam de alguma forma compreender que existem diferenças entre os seres humanos, mas que é necessário desenvolver o sentimento de empatia pelo outro, dessa forma, respeitando todas as pessoas e compreendendo que o preconceito é errado. Concluiu-se que com a aplicação do experimento será possível aumentar a capacidade de levar o indivíduo a se colocar no lugar do outro. Ou seja, a sua capacidade empática, para que assim o preconceito não aconteça.

Palavras-chave: Experimento Mental. Ensino. Temas Geradores.

ABSTRACT

This article is about a mental experiment. The objective of this study is to propose the use of the theme as a generator of children of the 3rd generation of basic education. The methodology is a critical, editable and descriptive application, which can be a reflexive and constructive analysis of respect for racism. Children are expected to have some form of involvement that exists between humans, but it is necessary to develop a sense of empathy for the other, thus respecting all people and understanding the wrong bias. It was concluded that with an experiment application, "Being able to increase the ability to take the individual" in one place of the other, that is, their empathic capacity, so that prejudice does not happen.

Keywords: Mental Experiment. Teaching. Generative Themes.

1 Artigo construído na disciplina de Tópicos em Ensino de Filosofia, do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens, da Universidade Franciscana - UFN.

2 Tecnóloga em Design de Moda e Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana - UFN. E-mail: marycorreacontato@outlook.com

3 Licenciada em Letras/Português, UFN; pós-graduanda em Formação Docente em EAD, UNINTER. E-mail: pattly10@gmail.com

4 Docente do curso de Psicologia e do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana - UFN. E-mail: janapcarlesso@yahoo.com.br

5 Professora. E-mail: najaraferrari@gmail.com

INTRODUÇÃO

A experiência vivenciada produz o conhecimento. Entretanto, o conhecimento pode iniciar pelo processo imaginativo. A respeito disso, Cooper (2005, apud PEREIRA, 2015, p. 193) afirma que “através de um experimento mental pode-se começar de uma posição de ignorância e obter um novo conhecimento”. Sobre isso, Nussbaum (1997, p. 35) afirma que “a imaginação narrativa é uma preparação essencial para a interação moral”. Nesse sentido, a literatura pode desempenhar papel importante no desenvolvimento do conhecimento no ser humano, além de alguns sentimentos como, por exemplo, a coragem, o autocontrole, a dignidade, a perseverança e a justiça (NUSSBAUM, 1997, p. 6).

A literatura, por meio da leitura de um romance, em que o leitor pode se colocar no lugar de um personagem que sofre alguma punição ou dor, tanto física quanto emocional, pode produzir o sentimento de empatia. Nessa perspectiva, Nussbaum (1997, p. 60) afirma que

[a] literatura não transforma a sociedade sozinha; sabemos que essas experiências poderosas e, em certo sentido, dramáticas e radicais, ocorreram em uma sociedade que era altamente repressiva com as mulheres, mesmo pelos padrões de sua própria era. Certas ideias sobre os outros podem ser aprendidas em algum momento e ainda não ser postas em prática, tão poderosas são as forças do hábito e as estruturas arraigadas do privilégio e convenção. No entanto, a forma artística faz seu espectador perceber, em algum momento, as pessoas invisíveis de seu mundo - pelo menos um começo de justiça social.

Nesse sentido, a literatura pode reproduzir algum tipo de experimento no pensamento, ou seja, na mente. Kiouranis, Souza e Filho, no artigo intitulado “Through experiments and it’s potentialities as didactic tools”, explicam que os “experimentos pensados” ou “experimentos mentais” foram iniciados por Galileu, pois “no campo da mente ele encontrou um campo extraordinariamente fértil para a condução de alguns experimentos controlados e, em muitos deles, conclusivos” (Kiouranis, Souza e Filho, 2010, p. 1). No artigo citado, os autores esclarecem que todo e qualquer experimento é antes de tudo, um experimento pensado, visto que ele é, no mínimo, antecipadamente planejado. Gendler (1996, apud PEREIRA, 2015, p. 187) afirma que o experimento mental é um processo de raciocínio realizado no contexto de um cenário imaginário, o qual “traz um novo conhecimento, o faz forçando-nos a considerar casos excepcionais”. Pereira (2015, p. 187) explica que para Gendler, o experimento mental pode ser descrito como uma modalidade de raciocínio, visto que apresenta as seguintes características: “um cenário é descrito; um argumento que tenta estabelecer a avaliação correta do cenário é oferecido e; essa avaliação do cenário imaginário é tomada”. Gendler (1996 apud PEREIRA, 2015, p. 187) ainda aponta três tipos de experimento mental: “(1) factível: o que aconteceria? (2) conceitual: como dado (1), nós devemos descrever o que aconteceria? (3) avaliativo: como, dado (2), nós devemos avaliar o que aconteceria?” No primeiro tipo, diz respeito sobre o que pensar do fato; no segundo tipo, o leitor é convidado a pensar sobre como a situação deve ser descrita; no terceiro tipo, o indivíduo deve apontar julgamentos a respeito de uma situação.

Nesse viés de explicar sobre a experimentação mental, Pereira (2015, p. 184) a denomina como o “processo de empregar situações imaginárias para ajudar a entender ou prever de que maneira as coisas podem se comportar na realidade”. A autora conceitua experimento mental e cita alguns exemplos de

experimentos mentais, como, por exemplo: o Balde de Newton, o Gato de Shrödinger, o Demônio de Maxwell. Além disso, a autora explica que os experimentos mentais são usados em diversas áreas: Economia, História, Matemática, Filosofia, Ciências Humanas, etc. Mach (1913 apud PEREIRA, 2015, p. 184) afirma que os experimentos mentais estão muito presentes no campo da matemática. Em concordância com Mach (1913), Brown (1991 apud PEREIRA, 2015, p. 188) indica que “o conhecimento matemático é todo construído por experimento mental”.

Nesse sentido, percebe-se que os experimentos mentais podem ser um recurso para provocar habilidades/reflexões no ambiente do ensino. Nesse viés de utilizar os experimentos mentais como possibilidade de ensino é que desenvolvemos um experimento mental com o objetivo de conscientizar a educação infantil sobre a prática do racismo, visto que é uma prática enraizada e naturalizada no país. Segundo Guimarães (1999), os indivíduos possuem sexo, idade, nacionalidade e possuem também uma raça. O autor também afirma que em muitos países como nos Estados Unidos, as raças são tão definidas que não há necessidade de conceituá-las. Já no Brasil, o termo “raça” só se é falado em movimentos sociais, onde as pessoas se sentem discriminadas por sua cor, e nesse contexto esse termo é conceituado. O que importa realmente compreender é que os seres humanos possuem muitas características individuais, tanto em termos biológicos, como intelectuais e culturais.

Guimarães (1999) afirma que no Brasil as pessoas consideravam o racismo como tabu, pois se imaginam em uma democracia racial, no entanto sabe-se que não é essa realidade que vivemos, já que acontecem muitos atos de discriminação aos negros. Dentro deste contexto, temos que lembrar que no Brasil há uma divisão de classes que interfere neste processo, onde as mesmas se sobrepõem e não coincidem, e em situações a classe se sobrepõem a cor. Nesse aspecto, Guimarães (1999) afirma que há um movimento de anti-racismo que começou na história, após a abolição da escravatura em 1888, ainda assim a problemática social de raça e racismo é dominante nos dias de hoje, havendo muitas práticas racistas no âmbito educacional. Assim, o experimento mental proposto visa à minimização de práticas de racismo desde à infância. Para tanto, será proposto aos alunos a leitura da obra “Menina Bonita do Laço de Fita”, da autora Ana Maria Machado, para introduzir a temática e reflexão, claro que será levado em conta que se tratam de alunos da educação infantil, portanto a ludicidade estará presente.

“MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”: UMA OBRA NECESSÁRIA NA ATUALIDADE

O enredo da obra inicia com um diálogo entre um coelho branco e seus filhos sobre o fato de uma irmã ser uma coelha preta. Então ele faz um flash back em seus pensamentos, e narra sobre quando era mais jovem, e existia seu fascínio por uma menina de cor preta, a qual ele achava linda, a mais linda de tudo. E, algo inquietava-o, o fato de ela ser tão pretinha; ele queria saber qual era o segredo para ter aquela cor. A menina disse que não sabia, mas justifica que poderia ser pelo fato de ela, quando pequenina, ter caído num balde de tinta. Assim, o coelho tenta a experiência: entra dentro de um balde tinta preta, mas sua negritude se finda assim que é acometido pela água da chuva; posteriormente, a menina disse que poderia ter sido pelo fato de ela tomar café, então novamente o coelho segue o intento, bebe tanto café, que não consegue dormir à noite; depois tenta mais um dos possíveis motivos que justificaria a cor da menina: comer jabuticaba. Mas, nada resolveu o mistério, pois o coelho não conseguira ficar da

cor da menina. Até que um dia ele resolve o enigma, através de um diálogo da menina com sua mãe. Ele descobre que a cor está ligada com a genética, e que para ele ter uma filha daquela cor, ele teria que se casar com uma coelha preta.

“Menina Bonita do Laço de Fita” é aconselhada para crianças da educação infantil, sendo inclusive adaptada para curta-metragem, pela riqueza de conteúdo.

REFERENCIAL TEÓRICO

TEMAS GERADORES: SUA IMPORTÂNCIA EM SALA DE AULA

O Racismo é a discriminação étnico-racial, que inferioriza alguma raça em comparação com outra. Pode ser um preconceito contra a raça negra ou tantas outras, visto que no Brasil, há uma vasta diversidade cultural.

O Brasil, por vezes, possui o racismo escondido, uma dinâmica silenciosa, a qual pode ser identificada nas desigualdades sociais. Dados apontados pelo Instituto Brasileiro de Índice Geográfico (IBGE), indicam que da população de brasileiros, somente 10% dos negros são pertencentes à classe média, o que evidencia as condições desiguais em detrimento da raça. Outra questão apontada nos censos, é a parcela reduzida de negros nas universidades.

O Racismo que vitimou mais de cinco milhões de negros no país, e mesmo após a abolição da escravatura em 1988, ainda está presente em várias esferas da sociedade, dentre elas- a escolar-, por isso torna-se imperativo que no âmbito educacional haja ações que visem à minimização de práticas discriminatórias em detrimento de raça. Nesse viés, um documento redigido pelo Ministério da Educação (MEC) que aborda sobre o Racismo é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), a qual no item “Temas Geradores” descreve o racismo como um tema importante a ser discutido no contexto escolar. Vejamos o que a BNCC (2018) diz sobre a valorização da diversidade cultural :

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. 8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. 4 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BNCC, 2018 p. 9)

Nesse sentido, a BNCC (2018) demonstra a preocupação do MEC com relação ao que diz respeito à valorização das desigualdades sociais, visto que descreve sobre a importância do enaltecimento das diferenças sociais, raciais, culturais. Nesse sentido, cabe à escola desenvolver práticas que assegurem a abordagem desse importante tema que é o racismo. Refletindo sobre isso, surge essa prática, descrita abaixo, direcionada ao contexto da educação infantil, portanto elaborada para ser representada de forma lúdica.

O tema gerador é um método de ensino, proposto por Paulo Freire (1999), onde, o autor afirma que os temas geradores proporcionam ao aluno um processo de ensino-aprendizagem mais significativo, à medida que fazem parte deste processo, e dessa forma estimulam a criticidade e a autonomia dos educandos. Costa e Pinheiro (2013, p. 38), sobre isso, afirmam que “A partir do momento que o mundo externo é trazido para o interior da escola, professores e alunos agem de forma coletiva sobre o reconhecimento do saber”.

Nesse sentido quando a realidade do aluno é trazida para a sala de aula, torna-se menos complexo seu aprendizado, já que é trazido algo que o próprio educando conhece, é parte do seu dia a dia, do seu contexto. Freire (1999), considera o aluno como o centro do seu processo de ensino e aprendizado, à medida que instiga os mesmos a pesquisa e a descoberta. Desse modo, é importante que haja empenho de ambos, professores e alunos, na busca da construção desse conhecimento.

No contexto atual, é necessário essas adaptações, já que as tecnologias influenciam diretamente o contexto social, e assim, propondo-se outras metodologias, pode-se proporcionar transformações em sala de aula e aproximação dos educandos para os conteúdos estudados. Sobre isso, questionam, Costa e Pinheiro (2013), sobre, o por que da maioria dos professores ainda guiarem-se principalmente por livros didáticos, já que devem utilizar-se de outros meios, outros espaços, e ir além, em busca de melhorar seus métodos em sala de aula.

A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Neste estudo, é necessário falar sobre a importância de se ter empatia, levando em conta que nesse contexto trata-se da primeira infância, onde se forma o caráter comportamental, que mantém-se até a vida adulta. É nesse sentido que o experimento mental age, na proposta de mudança a cerca das práticas de racismo. A empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro. Segundo Justo, Carvalho e Kristensen (2014, p.511) “A empatia é um elemento importante para o desenvolvimento de habilidades interpessoais”, ela melhora as relações na medida em que há um cuidado com o outro e dessa forma o ser humano consegue perceber a dor que pode causar a partir de comportamentos agressivos.

Também deve-se considerar os fatores internos e externos a cerca do desenvolvimento da empatia que para Justo, Carvalho e Kristensen (2014), esses fatores podem ser genéticos, ligados ao temperamento, de desenvolvimento neural, comportamentais, como: Imitações parentais e o relacionamento que possuem com seus pais. Considera-se também que existem patologias a cerca da perda da empatia, como: autismo, transtorno de conduta e transtorno de personalidade.

Existem vários conceitos sobre a empatia, e sobre isso, afirmam Justo, Carvalho e Kristensen (2014, p. 512):

O indivíduo observa os sinais emocionais do outro, como expressão facial, postura corporal e tom de voz, e de forma condicionada sente a mesma emoção. Considera-se também que a percepção dos sinais emocionais no outro pode lembrar o sujeito de experiências passadas, quando ele já viveu esta emoção e esta lembrança o faz sentir-se como quem ele observa (JUSTO, CARVALHO E KRISTENSEN, 2014, p. 512).

A partir das considerações dos autores na situação acima, pode-se afirmar que a empatia está ligada aos sentimentos, e com a capacidade de desenvolvermos as emoções a cerca do outro sujeito. Percebendo o mesmo como os nossos próprios sentimentos e experiências já vividas. É desenvolver um olhar de solidariedade ao outro, sentir-se próximo dos sentimentos, das dores e sofrimentos vividos por nós e pelos outros, para que não se cause o mau que o sujeito não deseja para si.

Nesse sentido, há de se atentar ao fato que existem fatores cognitivos que interferem na maneira intelectual na qual interpretam-se as situações. Para Hoffman (1984), o sujeito possui diferentes maneiras de compreender o outro, a partir de suas próprias perspectivas. Além do fator cognitivo, também considera-se o componente ligado ao fator emocional, em que ocorre a capacidade de sentir a dor do outro, de se sensibilizar com o mesmo (JUSTO, CARVALHO E KRISTENSEN, 2014).

Compreende-se assim, que o outro é diferente de mim, a medida que tem sentimentos que se diferem dos meus. Os sujeitos são diferentes em muitos sentidos, em suas características físicas e comportamentais, história de vida, entre outros fatores. Diante disso, a partir da aplicação deste estudo é possível que as crianças possam perceber essas diferenças e aprendam a respeitá-las, livres de qualquer preconceito que possa vir a apresentar no futuro.

SOBRE O EXPERIMENTO MENTAL

Primeiramente, será mostrado para uma turma de educação infantil, de escolas públicas o curta-metragem “Menina Bonita do Laço de Fita”, no qual a personagem principal é uma menina negra para uma turma de 3ª série da educação básica, dinamizada de forma lúdica. O enredo da história é o seguinte: começa com o coelho branco contando uma história para seus filhos, os coelhinhos brancos, mas entre os coelhos brancos existe uma coelha preta. A coelhinha preta pergunta: - Pai, por que eu e você somos tão diferentes, eu sou tão pretinha e você é tão branquinho? O pai ri, e em seguida responde que tudo começou por causa de uma linda menina bonita do laço de fita. O coelho pai, então conta para os filhos que existia uma menina negra, a qual era sua vizinha, ele se fascinava com a cor tão linda da pele da menina e com os seus cabelos enroladinhos, ele pensava que quando ele casar ele queria ter uma filha pretinha igual a menina. Desde então, ele passa a perguntar para essa menina qual seu segredo para ser tão pretinha, e ela dá várias respostas, e ele tenta ficar preto a partir dessas respostas. No fim ele conclui que precisava encontrar uma coelha negra para casar e ter uma filha pretinha.

Após a assistirem o curta metragem, as crianças serão convidadas para realizar uma roda de conversa para discutir as seguintes questões sobre: a) o que é ser negro? B) Como é se sentir negro?

As questões que serão levantadas constituem o experimento mental, no intuito de fazer compreender desde criança que existe uma igualdade entre os seres humanos e que o preconceito não é correto. Além disso, a partir do questionamento sobre o que é ser negro, será realizada uma retomada da história desse povo a fim de desmistificar pré-conceitos como “o negro é preguiçoso”, “negro é ladrão”, “negro deve receber menos salário”. O questionamento levará as crianças a refletirem sobre o porquê de existir a cor negra, que se explica devido aos povos africanos pegarem mais sol, potencializando a melanina, e devido ao excessivo sol, seus cabelos adquiriam o aspecto mais alto e forte, a fim de proteger a cabeça. Assim, pode-se inferir que este experimento é uma maneira de iniciar desde a infância, a prática

da desnaturalização de preconceitos tão enraizados na cultura brasileira, cometido, por vezes, por falta de se conhecer a história de uma raça, de um povo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa de cunho analítico-descritiva abre espaço a uma análise reflexiva e construtiva a respeito do racismo. Para tanto, foram utilizados os pressupostos teóricos dos autores: Pereira (2015), Nussbaum (1997), Mach (1913), Guimarães (1999) para embasar teoricamente a análise do curta-metragem “Menina Bonita do Laço de Fita”. Nesse sentido, esse experimento mental, Descrito anteriormente, foi planejado para ser aplicado numa turma de 3ª série da educação básica, dinamizado de forma lúdica.

Espera-se obter como resultados, que as crianças possam de alguma forma compreender que existem diferenças entre os seres humanos, como: Cores diferentes de pele, cores diferentes de cabelos, pais diferentes, características físicas e comportamentais, entre outras. Mas é necessário que se desenvolva a construção da empatia, para que o sujeito possa desde cedo saber que o preconceito não é correto e que é necessário respeitar e conviver com as diferenças para que no futuro seja possível construir um sociedade melhor, onde essas diferenças não sejam motivo de preconceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo da teoria que dialoga sobre os experimentos mentais, evidencia-se que a literatura tem grande capacidade de levar o indivíduo a se colocar no lugar do outro. Nesse sentido, esse experimento foi elaborado no objetivo de incitar a reflexão acerca do preconceito racial, algo, por vezes, naturalizado desde à infância. Algo que é reproduzido, muitas vezes, por pré-conceito, ou por mera reprodução (reprodução do que é assimilado através do convívio em sociedade).

Assim, este experimento surge da necessidade de conduzir, mesmo que de forma lúdica, as crianças à reflexão acerca dessas práticas de preconceito e discriminação racial. Pretende-se com isso a minimização, ainda que modesta, de práticas de racismo. Nesse sentido os temas geradores podem auxiliar, já que proporcionam um método de ensino a partir do contexto dos educandos, gerando um processo de aprendizagem significativo.

É importante que haja mais estudos e práticas sobre essa temática na educação, para que desde a infância, se crie o sentimento de empatia pelo outro e também de respeito, um valor muito importante que se deve construir para a vida adulta. Nesse sentido, é que a mudança pode ocorrer desde a infância, cooperando assim, mesmo que de forma modesta, para a diminuição de práticas de racismo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 02 fev. 2018.

COSTA, J.D.M; PINHEIRO, N. A. M. **O Ensino por meio de Temas-Geradores**: A Educação pensada de forma contextualizada, problematizada e interdisciplinar. *Imagens da Educação*, v. 3, n. 2, p. 37-44, 2013.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de apoio a universidade de São Paulo; Ed. 34, 1999.256 p.

HOFFMAN, M. L. (1984). **Interaction of affect and cognition in empathy**. In C. Izard, J. Kagan, & R. Zajonc (Eds.), *Emotions, cognition, and behavior* (pp. 103-131). New York: Cambridge University Press.

JUSTO, A.R; Carvalho, J.C.N; KRISTENSEN.C.H. **Desenvolvimento da empatia em crianças**: a influência dos estilos parentais. *Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Psicologia, Saúde & Doenças*, 2014, 15(2), 510-523

KIOURANIS, N. M. M; SOUZA, A. R; FILHO, O. S. **Experimentos mentais e suas potencialidades didáticas**. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 32, n. 1, 2010.

NUSSBAUM, M. C. **Cultivating humanity**. A classical defense of reform in liberal education. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1997.

PEREIRA, M. R. S. **Considerações sobre epistemologia dos experimentos mentais**. *Conjectura Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 20, p. 181-197, set./dez. 2015.